

UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO ENUNCIADO: “MENINO VESTE AZUL E MENINA VESTE ROSA”

Maria Deusa Brito de Sousa Apinagé¹

Janete Silva dos Santos²

Introdução

A partir dos conceitos teóricos referentes à teoria da Análise de Discurso de linha francesa, esta análise se propõe a trazer reflexões sobre os processos de produção dos sentidos do enunciado “Menino veste azul e menina veste rosa”, proferido pela ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Regina Alves, do atual governo Jair Bolsonaro, com o objetivo de compreender o funcionamento discursivo dessa materialidade significativa.

Nessa perspectiva, procuramos mostrar as contribuições da Análise de Discurso como teoria de leitura que pode ser aplicada a diferentes textos, em específico, neste trabalho, com a ideia de interpretação e de compreensão. Nesse sentido, partimos de uma análise à luz de conceitos tais como memória discursiva, processos de paráfrase e polissemia e efeito metafórico, desenvolvidos pela analista de discurso Eni Orlandi, aqui no Brasil, pautada em uma reflexão que articula o texto e o discurso.

Considerações sobre memória discursiva, paráfrase, polissemia e efeito metafórico

No âmbito da Análise de Discurso (AD) aqui mobilizada, temos que a memória é constitutiva da produção do discurso e refere-se, em sentido amplo, ao interdiscurso, definido, por Orlandi (2005, p. 31), “como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível”. Em outras palavras, podemos dizer que a memória discursiva, como memória social, é o que possibilita ao sujeito constituir-se como tal ao tomar a palavra, ao enunciar a partir de já-ditos esquecidos e mobilizados por sua formação discursiva (FD). Implicado pelas formações ideológicas, o Interdiscurso, por sua vez, constitui-se na relação entre um enunciado com outro(s) a partir

¹ Estudante de mestrado do Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Professora da Educação Básica e participante do Grupo de Estudos Tocantinense em Análise do Discurso (GETAD), Araguaína, Tocantins. Contato: deusa.gui@hotmail.com

² Professora adjunta do curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras/UFT.

Doutora em Linguística Aplicada. Vice-líder do Grupo de Estudos Tocantinense em Análise do Discurso. Contato: janetesantos@uft.edu.br

da posição-sujeito que enuncia, visto referir-se a formulações já produzidas, isto é, repetições em forma de paráfrases ou citações.

É por meio do interdiscurso, ou da memória discursiva, guardadas suas especificidades apontadas acima, que as palavras que dizemos fazem sentido, pois seus significados são provenientes de outros dizeres que se encontram armazenados em nossa memória (acionada de modo não consciente, dados os esquecimentos constitutivos da prática discursiva e que com outros dizeres se relacionam), os quais vêm à tona com outras palavras a cada enunciado produzido. Há, portanto, uma relação entre o já dito e o que está sendo enunciado.

No caso da nossa proposta de análise, ao pensarmos nos sentidos possíveis de serem construídos com base no enunciado, “Menino veste azul e menina veste rosa”, apropriamos-nos de discursos já proferidos na historicidade acerca da ideologia de gênero. Em outras palavras, resgatamos experiências passadas, que podem ser reconhecidas nos discursos presentes. Nosso dizer parte de um já-dito, que é esquecido e passa a habitar em nossa memória discursiva, sem que tenhamos consciência disso.

Quando pensamos, discursivamente, o enunciado: “Menino veste azul e menina veste rosa”, consideramos os processos parafrásticos e polissêmicos. Ou seja, o mesmo e o diferente, o já-dito e o a se dizer.

Os processos parafrásticos, segundo Orlandi (2005, p. 36), “são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado”. Já nos processos polissêmicos, para Orlandi (2005, p. 36) “o que temos é deslocamento, ruptura de processo de significação. Ela joga com o equívoco”.

Esses dois processos jogam entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o a se dizer e, nesse jogo, movimentam os sujeitos e os sentidos. Por isso, dizemos que sujeito, sentido e discurso não estão “prontos e acabados”, mas estão em um processo contínuo de construção e reformulação.

Levando em consideração o enunciado em análise: “Menino veste azul e menina veste rosa” e seus efeitos de sentidos entre a repetição e o diferente, vemos que esses sentidos se estabilizaram ao longo de um percurso que já não temos mais acesso, mas que significam em nós ou que retornam e deslizam para outros campos de significação, construindo novos e diversos sentidos.

Para Orlandi (2005, p. 79), “A metáfora é constitutiva do processo mesmo de produção de sentido e da constituição do sujeito. Falamos da metáfora não vista como desvio mas como transferência”. Há deslocamentos, ou seja, outros possíveis sentidos, lugares para diferentes interpretações, nesse processo de transferência. O efeito metafórico afeta tanto o diferente quanto o mesmo. Ao ser questionada sobre o pronunciamento do enunciado “Menino veste azul e menina veste rosa”, a ministra afirma, em entrevista aos jornais, que fez uma metáfora contra a “ideologia de gênero”. Mas este enunciado será mesmo uma metáfora? Na seção a seguir, analisaremos os efeitos de sentido produzidos no enunciado “Menino veste azul e menina veste rosa” que constitui o *corpus* deste trabalho.

Os efeitos de sentido no enunciado: “Menino veste azul e menina veste rosa”

Em um vídeo gravado logo após assumir o cargo no dia 2 de janeiro de 2019, a ministra Damares Alves afirma: “Atenção, atenção! É uma nova era no Brasil. Menino veste azul e menina veste rosa!”. Após aplausos e gritos de apoio, a ministra repete o enunciado. O vídeo repercutiu em muitos veículos de comunicação, destacando a enorme reação na internet.

No âmbito da Análise de Discurso sabemos que o discurso não é neutro, nem ingênuo, ele é carregado de sentidos. Segundo a ministra, o intuito foi de se declarar contra a “ideologia de gênero” e doutrinação das crianças nas escolas, mas, para muitos, a ministra suscita um retrocesso ao proferir este enunciado, reforçando os estereótipos de gênero, levando à reprodução de padrões já estabelecidos e à intolerância presentes na escola.

Após a repercussão e as críticas relacionadas à fala da ministra, Damares reagiu à publicação e, ao **Estado**, justificando que seu objetivo foi, de fato, fazer uma declaração contra a “ideologia de gênero”, referindo-se à sexualidade das crianças: “Fiz uma metáfora contra a ideologia de gênero, mas meninos e meninas podem vestir azul, rosa, colorido, enfim, da forma que se sentirem melhores.”

Segundo a ministra, o que ela fez foi uma metáfora contra a ideologia de gênero. Mas este enunciado será mesmo uma mera metáfora “floreando” a linguagem da ministra? A metáfora é uma figura de linguagem muito usada no dia a dia, um recurso semântico que consiste em comparar duas coisas que mantenham relação de semelhança entre si, mas de maneira implícita. Ainda na seara estilística, difere de outra figura de linguagem chamada comparação, por esta ser explícita e apresentar componentes linguísticos comparativos.

Assim, ao comparar o enunciado com uma metáfora clássica, isto é, nos termos meramente estilísticos, ela procura suavizar o impacto causado pelo seu pronunciamento, o que na verdade aproxima seu dizer, ainda do ponto de vista estilístico, especificamente à figura de linguagem conhecida como eufemismo, que se caracteriza pelo uso de palavras ou de expressões mais amenas com o objetivo de suavizar uma mensagem dura ou ofensiva, torná-la menos chocante. Termos rudes são trocados por palavras mais brandas, permitindo falar de coisas desagradáveis de uma forma mais tolerável, embora o sentido essencial permaneça inalterado, implicando, do ponto de vista discursivo, em configuração de uma posição-sujeito em embate com outras posições-sujeito, mas com efeito menos agressivo.

Ao chamar a atenção do público presente, ela salienta: “Atenção, atenção! É uma nova era no Brasil”. Ao se referir a “uma nova era”, fica pressuposto que o que havia antes, no governo anterior, era “uma velha era” e que agora, no atual governo de Jair Bolsonaro, “as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo”, discurso religioso que orientaria a posição-sujeito da ministra no plano material. Em seguida, vem a segunda parte do enunciado: “Menino veste azul e menina veste rosa”. Ou seja, nessa “nova era” no Brasil, meninos se vestirão de azul e meninas se vestirão de rosa, para identificar-se com o respectivo gênero, delimitado como distintos e não-intercambiáveis pela discursividade que constitui Damares como ministra.

Culturalmente, na tradição clássica, quando vemos uma família com uma criança, quando visitamos um recém-nascido, quando vamos a um chá de revelação, não precisamos perguntar qual é o sexo do bebê, porque a resposta já nos é dada por meio das cores azul ou rosa. Nas festas de aniversários infantis, dificilmente iremos ver a decoração em tom de rosa para menino ou de azul para menina. Na verdade, não se trata de um padrão exclusivamente infantil: basta ir às lojas e veremos os presentes para homens sendo embrulhados em caixas azuis e os presentes para mulheres sendo embrulhados em caixas rosas. Nas campanhas contra o câncer de mama e de próstata as cores, também, fazem referência ao sexo, quando nominam “outubro rosa” para prevenção do câncer de mamas e “novembro azul” para a prevenção do câncer de próstata. Mas por que os meninos têm que usar azul e meninas, rosa?

Pesquisas na área da psicologia apontam que não há qualquer evidência que confirme a preferência das crianças de cada gênero por essas cores até aos dois anos e meio de idade, a partir daí, eles preferem azul e elas preferem rosa. Essa preferência pode ser explicada por vários motivos, dentre eles, a influência dos adultos, *marketing*, mas não tem a ver com biologia ou com psicologia. Até o século XIX, meninos usavam rosa, por ser uma cor forte, associada ao vermelho, e as meninas usavam azul, por ser uma cor delicada. A partir do século XX, houve um deslocamento no sentido das cores, e quem poderá dizer quais serão as cores “convencionais” daqui a alguns anos? Ou seja, o enunciado proferido pela ministra é, em AD, não uma mera metáfora estilística, mas sim uma metáfora discursiva, noção pela qual se assume o caráter ideológico da linguagem e o jogo de força implicado em seu uso, pois articula termos de outros contextos discursivos (ORLANDI, 2005) para discursivizar temática (propor/negociar sentidos) de outra ordem, isto é, neste caso aqui, para (re)definir conduta/visão a ser “imposta” no contexto político do novo governo, que reage aos posicionamentos em relação à liberdade de gênero. Seu enunciado é, assim, fruto de uma construção social, do já-dito por outras pessoas em outros lugares, mas que está significando, agora, uma divisão clássica da paleta de cores e do comportamento social, de acordo com sua crença, ou crença de grupos, majoritários ou não, para representação dos gêneros masculino e feminino. Todavia, não meramente por isso, mas também como modo de enfrentamento de discursos desafiadores do *status quo*.

Assim, cor não é o que importa, mas o sentido que é construído a partir da oposição posta na paráfrase construída, apontando apenas duas possibilidades em sua formulação, mas, na verdade, no enunciado em análise, “Menino veste azul e menina veste rosa”, há inúmeras possibilidades de outros dizeres não ditos (PÊCHEUX, 2014), mas que aparecem de forma implícita, como por exemplo:

- a) Menino/homem brinca com carrinho e menina/mulher brinca com boneca;
- b) Menino/homem joga futebol e menina/mulher faz *ballet*;
- c) Menino/homem usa cabelo curto e menina/mulher usa cabelo comprido;
- d) Menino/homem é forte e menina/mulher é sexo frágil;
- e) Menino/homem assiste a jogo e menina/mulher assiste à novela;
- f) Menino/homem trabalha fora e menina/mulher cuida da casa;

g) Menino/homem é da área de exatas e menina/mulher é da área de humanas;

h) Menino/homem é bruto e menina/mulher é sensível.

Partindo desse processo parafrástico, vimos alguns, dentre vários outros possíveis, de “não ditos”, mas que foram “ditos” implicitamente, por meio deste enunciado, e o quanto eles significam na sociedade patriarcal em que vivemos. Vimos, também, o efeito metafórico produzido pelo deslize, pela deriva, pelo deslocamento, ou seja, os possíveis outros, possibilitando inúmeras leituras e interpretações.

Nessa representação parafrástica, há entre o ponto de partida e os pontos de chegada, deslizamento de sentidos, ou seja, efeitos metafóricos, que, ao mesmo tempo, aproximam-se e se diferenciam. Porém, essa diferença é ancorada em um ponto comum de deriva que aproxima os sentidos. Em outras palavras, podemos afirmar que existe um mesmo nessa diferença.

Outro fator importante a ser analisado no enunciado são as marcas linguísticas. Em “É uma nova era no Brasil”, o verbo pode ser interpretado como uma ordem. Ou seja, quem fizer o contrário do que está sendo determinado está descumprindo a regra. O tempo do verbo é o presente, o que, segundo Maingueneau (2013, p. 27), tem “uma duração muito variável”. Neste caso específico, presume-se que se refere a um período de quatro anos ou enquanto durar o período do atual governo.

Há, também, marcas de lugar e de tempo determinados que se encontram inseridos no enunciado. O lugar é no Brasil e o tempo se refere ao agora (ou de hoje em diante), ou seja, a “uma nova era”. O uso do artigo indefinido “uma” limita a quantidade e as possibilidades, além da pré-estabelecida, e indetermina o que seria essa “nova era”, o que só fica sugerido após a leitura da segunda parte do enunciado. Desse modo, entendemos que este enunciado possui marcas que se ancoram diretamente na situação da enunciação.

Interessante destacar que, se, em vez de dizer “menino veste azul e menina veste rosa”, a ministra tivesse dito “Os meninos vestem azul e as meninas vestem rosa”, o sentido seria outro. No primeiro caso, devido à omissão do artigo definido, há uma generalização do substantivo, ou seja, todos os meninos, do sexo masculino, devem vestir azul e as meninas, do sexo feminino, devem vestir rosa. No segundo caso, devido à presença do artigo definido, o substantivo se torna específico, ou seja, somente os meninos que se identificam com o sexo masculino vestem azul e as meninas que se identificam com o sexo feminino vestem rosa.

Há, mais uma vez, um efeito imperativo, agora com o verbo vestir. Esse imperativo traz a ideia de imposição. Em “Menino veste azul e menina veste rosa” subjaz uma modalização deontica de obrigatoriedade, cuja formulação em estrutura clássica seria “menino *deve* vestir azul e menina *deve* vestir rosa”, ou a mais comum na linguagem cotidiana: “menino tem que vestir azul e menina tem que vestir rosa. Não há possibilidades de menino vestir rosa e menina vestir azul, ou, indo mais além, não há possibilidades de meninos usarem outras cores além do azul e meninas usarem outras cores além da rosa.

Diante dessas considerações, fica marcado que “todo ato de enunciação pode constituir uma ameaça”. Seja uma ameaça ao interlocutor, seja ao locutor, ou, ainda, a ambos.

Considerações finais

À luz das reflexões produzidas, no percurso de análise do enunciado: “Menino veste azul e menina veste rosa”, podemos perceber que os sentidos não se fecham, numa relação entre a repetição e a possibilidade de o sentido ser outro. No caso de nossa análise, entendemos que os sentidos produzidos a partir do enunciado em questão dão voz a uma memória de retrocesso e ruptura do que vem sendo pré-construído, tais como os direitos iguais entre homens e mulheres e “o lugar da mulher é onde ela quiser”. Por fim, ratificamos que, em AD, não é o simples conhecimento da gramática e do léxico da língua que nos permitem interpretar um enunciado, mas vários outros fatores exteriores à língua.

REFERÊNCIAS

MAINGUENEAU, D. *Análises de texto de comunicação*. 6ª edição. São Paulo: Cortez, 2013.

ORLANDI, E. P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 6ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 5ª. edição. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2014.